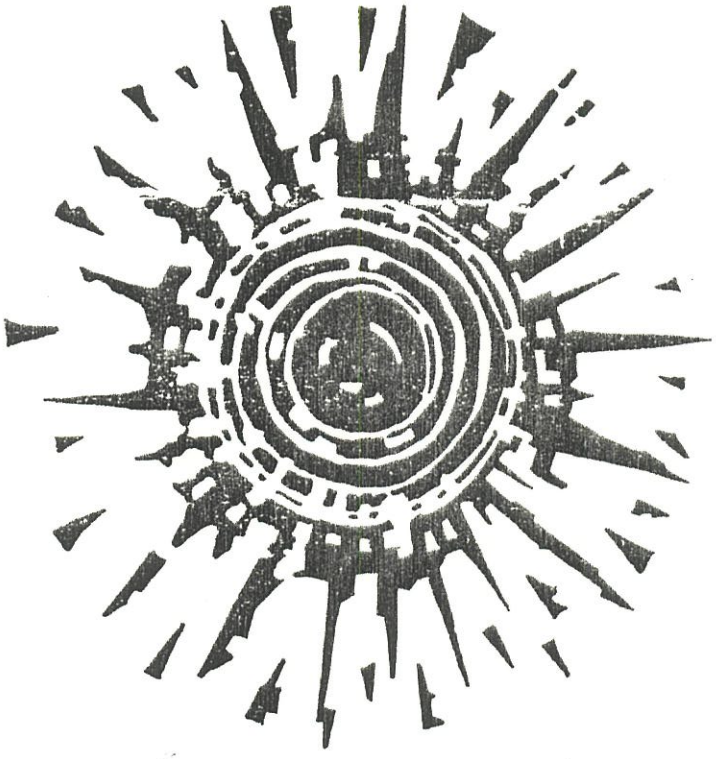


NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DO SEMINÁRIO DOS OLIVAIS

N.º 12 JULHO - 1986

NOVELLAE OLIVARUM

Revista de Formação Cultural

Director:

P.e Carlos Paes

Redacção:

Carlos Casqueiro
Agostinho Bonifácio
Amândio Mateus

Administração:

Fernando Serra

Propriedade e Administração:

Seminário dos Olivais
1800 LISBOA

Composto e impresso:

Serviços da Paróquia de Olivais-Sul

Depósito Legal N.º 2912/83

TERCEIRA SÉRIE

Número 71
Janeiro/1986

Assinatura anual: 300$00
Avulso: 75$00

sumário

— Editorial 2
P. Carlos Paes

— 20 Anos depois do Concílio 4
D. José Policarpo

— A Eclesiologia do Vaticano II 7
Nuno Braz

— Diálogo Igreja-Mundo no Vaticano II 11

. algumas citações dos textos conciliares
F. Caldeira

— Testemunhos Pastorais

1. Pastoral Litúrgica 14
Rui Rosmaninho

2. Pastoral Juvenil 18
Joaquim Nazaré

3. Pastoral Catequética 24
Francisco José

4. Pastoral Social 25
Edgar Silva

— Notas de cultura portuguesa 28

. Apelo de há um século
P. Manuel Clemente

— Crónica 31
A. Martins

EDITORIAL

- Vinte anos depois

Na sua modéstia Novellae Olivarum não pode ignorar o acontecimento eclesial que foi o Concílio Ecuménico Vaticano II. A esta distância ele surge-nos como uma viragem de confirmação assumida de muitas intuições que homens de Igreja como Mons. Pereira dos Reis tinham acerca da própria Igreja. A Eclesiologia do Vaticano II foi, certamente, um dos frutos mais notáveis dessa assembleia eclesial. Por essa razão, os três trabalhos com que abrimos este número falam da Igreja. Compare-se a visão que deles ressalta com esta afirmação que numa encíclica de 1906 o Santo Padre Pio X fazia: "a Igreja é uma sociedade fundamentalmente desigual, em que uns mandam e outros obedecem"; como são diversas as perspectivas.

- Duplo descentramento

O P. Lubac dizia durante o Concílio que era preciso fazer um duplo descentramento da Igreja:

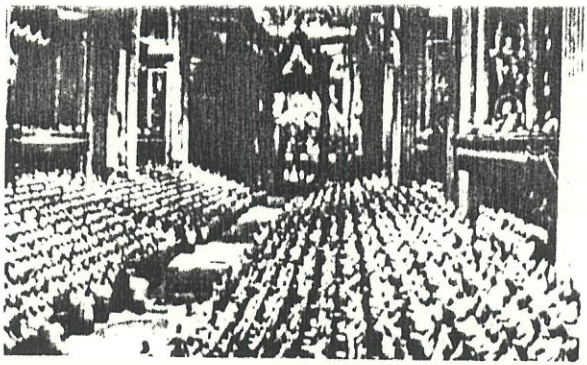
Descentramento de si mesma, para se voltar para o Senhor, de quem ela recebe tudo; e para o mundo, para quem ela existe.

Foi precisamente este único movimento em duas direcções complementares e interdependentes que ficou consagrado nas duas grandes constituições do Vaticano II. A Constituição Dogmática Lumen Gentium que assinala o descentramento da Igreja de si para o Senhor de cuja salvação

ela se torna o sacramento; e a Constituição Pastoral Gaudium et Spes que consagra o descentramento da Igreja de si para o mundo a quem ela é enviada e que é o documento que põe termo ao conflito da Igreja com a modernidade.

Tem razão José Comblin quando afirma que a Igreja esperou muito tempo antes de reconhecer a modernidade como um facto absolutamente irreversível. Por muito tempo acreditou que se tratava de uma crise passageira. O Concílio "inverte de maneira irreversível uma orientação de fundo que havia sido tomada há cerca de três séculos. É antes de tudo, uma resposta à modernidade. Abre novas perspectivas. Diante da modernidade toma uma atitude de abertura e de diálogo como que à espera de um novo modelo de relações".

É neste novo ciclo que temos vivido e da sua fecundidade é prova todo o dinamismo eclesial que caracteriza hoje as nossa comunidades e de que alguns seminaristas se fazem eco nos testemunhos pastorais que nos oferecem em mais este número de Novellae Olivarum.



P.e Carlos Paes

N.R.
Embora se trate de um esquema, não quisemos deixar de o apresentar como introdução a este número de N.O., todo ele uma revisão desse grande acontecimento eclesial que foi o Concílio Vaticano II.

20 ANOS DEPOIS DO CONCÍLIO

1. Duas dimensões complementares do Concílio:

   . Acontecimento cultural, que pretendeu ser a resposta da Igreja a um mundo em mudança.

   . Monumento doutrinal (teológico-pastoral).

   As repercussões do Concílio como acontecimento cultural foram muito mais amplas do que as do Concílio monumento doutrinal. E no entanto está na redescoberta e aprofundamento da doutrina do Concílio a garantia da sua continuidade como acontecimento histórico significativo.

2. No Concílio a Igreja quer responder aos desafios da missão num mundo em mudança. E aí encontramos a linha de força principal do Concílio: Inter-relação entre renovação interna da Igreja e missão da Igreja no mundo. A Igreja vai redescobrir-se a si mesma, à luz da Sagrada Escritura e da Patrística, movida pelas exigências da sua missão no mundo moderno.

3. Grandes coordenadas da renovação interna da Igreja

   3.1. A Igreja é a comunidade da salvação: brotando do mistério da SS.Trindade, ela é a comunidade dos crentes, Povo de Deus caminhando na história, em direcção à Terra da promessa, comunidade escatológica a que todos os homens são chamados. Isto sugere, do ponto de

vista pastoral, um modelo de Igreja a edificar e favorece a estrutura sinodal da Igreja em que são postas em relevo a colegialidade e as estruturas colegiais.

3.2. Harmonia entre a realidade humana da Igreja e a acção transcendente do Espírito: A Igreja é sacramento de salvação.

3.3. Dimensão encarnacional da Igreja: O mistério da Igreja como comunidade de salvação, ganha forma nos povos e culturas concretos: ela é Igreja local ou particular.

3.4. A Igreja é o sujeito da missão: especificação da variedade de carismas e ministérios, na realização da missão comum a todos. Ressalta a dignidade fundamental de se ser cristão.

4. A missão da Igreja é o ponto de partida da compreensão das relações da Igreja com o mundo. A Igreja assume-se como enviada ao mundo.

4.1. A humanidade redimida por Jesus Cristo; convergência entre o mundo e o Reino de Deus; Cristo centro da História humana.

4.2. Olhar o mundo com esperança e optimismo. Os caminhos silenciosos da acção do Espírito na História; leitura dos sinais dos tempos.

4.3. Harmonia entre a ordem da criação e a ordem da redenção; dignidade da criação e secularidade do mundo.

4.4. No conjunto da criação, ressalta a dignidade do homem que só em Cristo se compreende profundamente. Dignidade da consciência ética; os grandes desafios à consciência ética no mundo actual.

5. Interpelações à Igreja que somos 20 anos depois do Concílio.

5.1. A renovação conciliar inspirou o nosso Plano de Acção Pastoral. Ainda nos identificamos com ele; como o pusemos em prática?

5.2. Já assumimos a intenção primeira do Concílio: renovação da Igreja para responder a um mundo em mudança cultural? Como assumir hoje este desafio?

5.3. Continuar a ter como modelo pastoral da Igreja a edificar, a Igreja comunidade de salvação. A meu ver os pontos fracos são: não valorizamos suficientemente a dimensão da Igreja particular; as nossas estruturas colegiais são ainda titubeantes; o grande desafio é o da pastoral da evangelização e da fé.

5.4. O sentido missionário da nossa Igreja; as nossas comunidades sentem-se enviadas?

+ José Policarpo
Bispo Auxiliar de Lisboa
e Reitor do Seminário



"O Concílio Vaticano II teve como finalidade tornar a Igreja do século XX ainda mais apta a anunciar o Evangelho"(Paulo VI, EN). O Vaticano II foi pois um concílio pastoral. Não se tratava de fazer definições dogmáticas, de combater heresias: tratava-se de anunciar melhor a Boa-Nova de Jesus Cristo ao homem de hoje. Para isso, havia que pensar o lugar da Igreja no mundo contemporâneo, havia que pensar a tarefa missionária da Igreja, havia que fazer com que as suas celebrações fossem adaptadas ao século XX e expressassem a fé do homem do nosso século. Para isso, havia que repensar a Igreja. Frente a um mundo em constante mudança havia que reflectir quem afinal era a Igreja.

A eclesiologia é uma área da teologia relativamente recente. As suas origens situam-se na Reforma e ela é "filha" desta. Foi quando Lutero pôs em causa a constituição da Igreja, quando pôs em causa os seus poderes que membros da Igreja olharam para esta e reflectiram de modo sistemático sobre ela.

Não há portanto eclesiologia antes da Reforma, o mesmo é dizer, não há reflexão sistemática sobre a Igreja antes desta altura.

Na verdade, o Novo Testamento fala-nos da Igreja, é certo, mas como uma realidade que era vivida, sobre a qual não era necessário reflectir. É assim que encontramos as "eclesiologias" de S.Mateus, organizada à volta do discipulado, uma Igreja reunida à volta dos doze. Assim também S.Lucas: nele ressalta-nos a continuidade Igreja-Israel: por isso é Jerusalém, centro do judaísmo, que nos aparece como berço do cristianismo e dela partem os discípulos a anunciar a Boa Nova, a "Palavra". Para Lucas, a Igreja é sinónimo de "Palavra": "Palavra crescia"(Act), a Palavra é o "Sacramento" de Cristo. Esta Igreja de Lucas é gerada e conduzida pelo Espírito Santo. Em João, aparece-nos a Igreja do amor, a Igreja que vive já dos últimos tem-

pos, inaugurados por Cristo na Cruz e Ressurreição, a Igreja dos eleitos. Por fim em Paulo ela aparece-nos como o Corpo de Cristo, Corpo com muitas funções (1 Cor, 12) e Corpo-presença, plenitude de Cristo (Col e Ef).

A Patrística vive também este mistério da Igreja. Ela aparece-nos com muitas imagens que o próprio Vaticano II retomou (LG).

No seguimento de movimentos espiritualístico-carismáticos da Idade Média, Lutero reage a uma Igreja onde àbundava a corrupção e que perdera o vigor reformador da Igreja Medieval. Lutero insere-se no movimento humanista de ânsia de Reforma que já nessa altura existia em meios intra-eclesiais e que continuou na Igreja Católica mesmo depois da separação protestante. Mas Lutero levará esses desejos a um tal ponto (também devido às condições sociais da época) que fará a Reforma por suas mãos, colocando-se fora da Igreja. Lutero reage a uma Igreja hierárquica, afirmando que esta não é necessária à salvação. Para que o homem fosse salvo bastava ter a fé e acreditar que Deus o declarava justo. O Crente só obedece à Palavra de Deus, não há espaço para a Igreja visível, a Igreja é a "Congregatio Sanctorum". A Comunidade é o lugar circunstancial dos que acreditam.

Perante tal posição, os católicos vão reagir. Assim, era inevitável a Reforma da Igreja - tal acontecerá no Concílio de Trento, e, contra os Protestantes, acentuar-se-á, talvez não menos exageradamente, uma outra dimensão da Igreja: a dimensão visível. Ela seria, no dizer de Roberto Belarmino, "tão visível como a República de Veneza ou o Reino de França".

Ao acentuar esta visibilidade, faz do ministério a fonte da Igreja: Cristo instituiu a Igreja ao instituir os Apóstolos. A Apostolicidade da Igreja de hoje é garantida pelo Papa sucessor de Pedro - - A Romanidade aparece-nos assim como o critério último para verificar o verdadeiro Cristianismo: de sa

lientar, no entanto, que esta posição era uma posição apologética.

Se tal visão da Igreja surgira por reacção ao Protestantismo, será num meio influenciado por este que começará a surgir uma nova eclesiologia católica: A Alemanha do primeiro quartel do século XIX. Inicia-se uma busca das fontes do Cristianismo. Em diálogo com as outras ciências a Teologia volta-se para a Sagrada Escritura e para a Patrística. O Mistério da Salvação é apresentado em duas fases: a encarnação e redenção de Cristo e a encarnação do Espírito Santo na Comunidade. É este Espírito que é visto como gerador dos ministérios em função da construção da comunidade. Foi este movimento que de certo modo esteve por detrás do Vaticano I mas que, devido a circunstâncias históricas, não conseguiu fazer coroar a sua visão.

As duas guerras mundiais trarão um novo impulso à Igreja e ao modo de esta se situar perante o mundo. Os Católicos sentem-se chamados a participar na reconstrução do mundo. O Papado torna-se impulsionador da vida cristã, os cristãos marcaram presença em todos os sectores da vida. Sente-se a necessidade da vida comunitária. Exige-se um "aggiornamento".

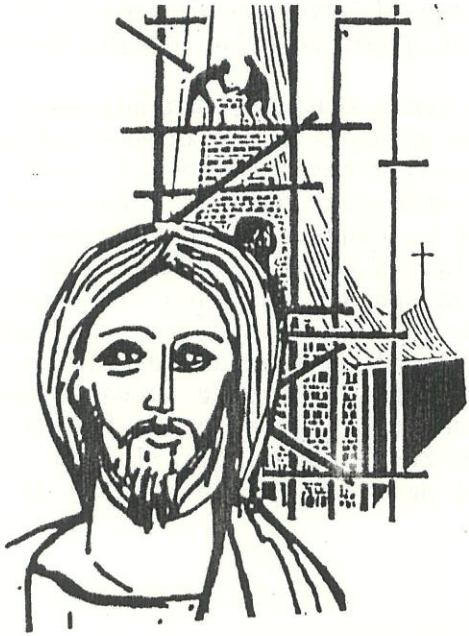
O Concílio Vaticano II surge assim como o coroamento dos desafios teológicos sobre a Igreja. Surge como síntese.

Se analisarmos a Lumen Gentium, dar-nos-emos conta que se conseguiu um verdadeiro equilíbrio entre as duas dimensões da Igreja: a carismática e a institucional. O Concílio não opta por qualquer delas como princípio à volta do qual se organizasse tudo o mais. O Concílio opta por uma Igreja que é "Sacramento da Salvação"(LG,I,1), ou seja, para o Vaticano II a Igreja é o Mistério de Cristo (desígnio salvífico de Deus plenamente revelado em Cristo). A Igreja é o meio pelo qual Cristo realiza hoje a sua obra de salvação do género humano. Assim sendo, a Igreja nasce do Espírito do Ressuscitado (Cf.JO 20,19-23; ACT 2,1-13); a Igreja é presença visível de Jesus Cristo no meio do mundo.

Por isto, a Igreja não pode ter o seu fundamento na hierarquia: o seu fundamento é o Espírito Santo que a constitui como Povo de Deus (LG I,4), a Igreja é o Corpo que tem Cristo como cabeça (I,7). Mas ela é agrupamento visível e como tal, o mesmo Espírito suscita nela vários ministérios, vários serviços, adornados de autoridade e de graça, para o bem da mesma Igreja (LG III,18), à volta de quem se reune a comunidade. "Esta é a única Igreja de Cristo" (LG I,8), o Povo que caminha em direcção à Santidade (LG V) e que goza já como premícias dos bens da felicidade eterna (LG VIII). Nela, goza de papel eminente e singular a Virgem Maria, membro da Igreja, redimida por Cristo. "A Mãe de Deus é o tipo e a figura da Igreja, na ordem da fé, da caridade e da perfeita missão com Cristo" (LG VIII,63).

É esta a síntese admirável do Concílio. Agora, apesar das correntes revivalistas que existem, urge vivê-la!

Não pretendemos aqui comentar a Constituição Dogmática sobre a Igreja do Concílio Vaticano II. Apenas nos propusemos dar algumas pistas para um entendimento do que aí se diz.



Nuno Bráz.

DIÁLOGO IGREJA-MUNDO NO VATICANO II

Algumas citações dos textos conciliares

Um dos vectores fundamentais do Concílio Vaticano II foi uma nova visão das relações da Igreja com o mundo, dentro da perspectiva de "aggiornamento" impulsionada pelo Papa João XXIII. Esta dimensão renovadora assenta, neste particular, em duas linhas teológicas essenciais: a de que a Igreja, como sacramento universal de salvação, é enviada ao mundo concreto em que todos os homens vivem; e a de que a Igreja, como comunhão, deve deixar-se interpelar pelos sinais dos tempos. Foram estas duas linhas teológicas que presidiram à selecção que fizemos dos textos conciliares correspondentes à temática em questão e que passamos a citar os principais.

PREÂMBULO

"(O Concílio Vaticano II) deseja expor-lhes (a todos os homens) o seu modo de conceber a presença e actividade da Igreja no mundo de hoje(...)"(GS,2).

"A Igreja, simultâneamente agrupamento visível e comunidade espiritual, caminha juntamente com toda a humanidade, participa da mesma sorte terrena do mundo e é como que o fermento e a alma da sociedade humana, a qual deve ser renovada em Cristo e transformada em família de Deus.

"(...) Procurando o seu fim salvífico, a Igreja não se limita a comunicar a vida divina; espalha sobre todo o mundo os reflexos da sua luz, sobretudo enquanto eleva a dignidade do homem, consolida a coesão da sociedade e dá um sentido mais profundo à quotidiana actividade dos homens. A Igreja pensa, assim, que por meio de cada um dos membros e por toda a comunidade, muito pode ajudar para tornar mais humana a família dos homens e a sua história"(GS,40).

1. A MISSÃO DA IGREJA NO MUNDO: A Igreja ao serviço dos Homens

"A missão da Igreja consiste não em levar aos homens a mensagem de Cristo mas também em penetrar e actuar com o espírito do Evangelho as realidades temporais. (...) Estas ordens, embora distintas, estão de tal maneira unidas num único desígnio divino que o próprio Deus pretende reintegrar, em Cristo, o universo inteiro, numa nova criatura, dum modo incoativo na terra, plenamente no último dia"(AA,5).

"Certamente, a missão própria confiada por Cristo à Igreja, não é de ordem política, económica ou social: o fim que lhe propôs é, com efeito, de ordem religiosa. Mas desta missão religiosa deriva um encargo, uma luz e uma energia que podem servir para o estabelecimento e consolidação da comunidade segundo a lei divina. E também, quando for necessário,tendo em conta as circunstâncias de tempos e lugares,pode ela própria e até deve, suscitar obras destinadas ao serviço de todos, sobretudo dos pobres, tais como obras caritativas e outras semelhantes.

"A Igreja reconhece, além disso, tudo o que há de bom no dinamismo social hodierno; sobretudo o movimenta para a unidade, o processo duma sã socialização e associação civil e económica. Promover a unidade é, efectivamente, algo que se harmoniza com a missão essencial da Igreja, pois ela é, em Cristo,como que o sacramento ou sinal e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano"(GS,42).

"Assim como Cristo percorria todas as cidades e aldeias, curando todas as doenças e enfermidades, proclamando o advento do reino de Deus, do mesmo modo a Igreja, por meio dos seus filhos, estabelece relações com os homens de qualquer condição, de modo especial com os pobres e aflitos, e de bom grado gasta por eles as suas forças. Participa nas alegrias e dores, conhece as suas aspirações e problemas

da sua vida e sofre com eles nas ansiedades da morte, trazendo-lhes a paz e o Evangelho" (AG,12).

"O cristão que descuida os seus deveres temporais, falta aos seus deveres para com o próximo e até para com o próprio Deus e põe em risco a sua salvação eterna" (GS,3).

"Tendo a Igreja, por sua parte, a missão de manifestar o mistério de Deus, último fim do homem, ela descobre ao mesmo tempo no homem o sentido da sua existência, a verdade profunda acerca dele mesmo" (GS, 41).

2. A IGREJA É INTERPELADA PELO MUNDO

"Assim como é do interesse do mundo que ele reconheça a Igreja como realidade social da história e seu fermento, assim também a Igreja não ignora quanto recebeu da história e da evolução do género humano.

Ela verifica com gratidão que, tanto no seu conjunto como em cada um dos seus filhos, recebe variadas ajudas dos homens de toda a classe e condição. Na realidade, todos os que, de acordo com a vontade de Deus, promovem a comunidade humana no plano familiar, cultural, da vida económica e social e também política, seja nacional ou internacional, prestam não pequena ajuda à comunidade eclesial, na medida em que esta depende das realidades externas. Mais ainda, a Igreja reconhece que muito aproveita e pode aproveitar das próprias oposições daqueles que a hostilizam e perseguem. É dever do povo de Deus sobretudo dos pastores e teólogos, com a ajuda do Espírito Santo, saber ouvir, interpretar e discernir as linguagens do nosso tempo, ajudá-los à luz da palavra de Deus, de modo que a verdade revelada possa cada vez ser mais intimamente percebida, melhor percebida e apresentada de modo mais conveniente" (GS,44).

Siglas: AA-Apostolicam Actuositatem; AG-Ad Gentes; GS-Gaudium et Spes.

Francisco Caldeira.

TESTEMUNHOS PASTORAIS-testemunhos pastorais-TESTEMUN

Pedimos a quatro seminaristas que nos contassem um pouco da sua experiência pastoral em sectores bastante diversificados como são aqueles que lhes estão confiados e que constituem uma amostra do que são as nossas actividades.

O seu testemunho aqui fica como expressão do modo como encaramos aquela "formação prática" de que falam as "Normas Fundamentais".

1. Pastoral Litúrgica
2. Pastoral Juvenil
3. Evangelização e Catequese
4. Pastoral Social

ASTORAIS-testemunhos pastorais-TESTEMUNHOS PASTORAIS

1. Pastoral Litúrgica

Num breve balanço do que foi a minha experiência no campo da Liturgia durante três anos diria apenas sistematizando:

I - 1. O que encontrei:
- *Um coro de "carolas", cerca de dez ao todo, com larga preponderância feminina, "rodado" num repertório eclético de qualidade muito desigual, por vezes mesmo inaceitável.*
- *Uma assembleia pouco participativa com gente de todas as idades.*
- *Um acompanhamento instrumental irregular e pouco preparado.*

2. O que levava:
- *Um dinamismo espiritual de promoção pastoral do ambiente litúrgico.*
- *Uma formação musical e litúrgica suficien*

te, adquirida no Seminário dos Olivais, e uma informação relativamente vasta e diversificada de cânticos litúrgicos, predominando no entanto a obra do P. M. Luís.
- Uma suficiente formação teológica proporcionada pela UCP.

3. Os fins que me propunha:
- Convencer a assembleia da necessidade e vantagem espiritual do uso de critérios definidos nas celebrações (e da sua possibilidade).
- Propor gradualmente um aprofundamento da qualidade da participação.
- Promover um ritmo de vivência litúrgica mais unitário e um clima de envolvência humana, apto a tornar perceptível o mistério celebrado.

II - Para realizar este projecto segui dois princípios básicos:
- Não querer tudo de uma vez, mas não abdicar da exigência.
- Ter atenção aos melindres pessoais e colectivos que podem surgir num período de transição.

e dispus os seguintes meios:

1. Estruturar o coro:
- Mantive todos os elementos do coro, promovi a entrada de novos, aconselhando aos que tinham "pouca voz" a cantarem com pouca intensidade.
- Dividi o coro em quatro naipes, para a eventualidade de cantarmos em polifonia.
- Marquei um ensaio alargado por semana, com a duração de cerca de hora e meia.

2. Reestruturar o repertório:
- Introduzi por celebração dois ou três cânticos novos (em regra: entrada, comunhão e, naturalmente, o salmo responsorial do P. M. Luís).

- Organizei, assim, progressivamente um livro de cânticos que serviria para todo o ano.
- Estabeleci um quadro anual fixo comportando o acto penitencial: o Santo, o Cordeiro de Deus e o Glória.

3. Preparar a assembleia:
   - Pedi dez minutos de atenção antes do início da missa, para ensaiar os cânticos.
   - Usei de uma técnica adequada de ensino (repetir a frase, cantar a melodia por partes e várias vezes antes da assembleia a repetir, etc.).
   - Situei cada cântico ensaiado no contexto da Palavra de Deus que ia ser proclamada (introduzindo assim brevemente a celebração), fazendo ressaltar a sua letra e a função expressiva da música que a serve. Ensaiei assim progressivamente a catequese dos principais tempos litúrgicos.

III - Os resultados obtidos foram significativos e fonte de ajustamentos concretos. Assim:

1. - A assembleia e o coro acusaram um ritmo excessivo de aprendizagem, mas manifestaram o seu agrado pela qualidade do novo repertório, apresentando, no entanto, dificuldades na assimilação do ambiente expressivo dos cânticos do P.M.Luís. De um modo geral, a participação da assembleia foi crescendo progressivamente e assim também o coro, que se tornou um grupo mais coeso e satisfeito com o seu trabalho.
   - O pároco revitalizou o seu interesse pela Liturgia, manifestando a sua satisfação.
   - Os organistas, por pouca preparação neste domínio, não "aguentaram" as mudanças, e assim, a celebração ficou a pouco e pouco desprovida de acompanhamento instrumental.

2. - Abrandei o ritmo de introdução de cânticos e variei o repertório com autores de escrita musical menos difícil e densa (representando, do Norte ao Sul as tendências musicais do país).
   - Interessei o pároco na revisão das deficiências do sistema sonoro da Igreja e fiz-lhe ver certas necessidades do coro: número de elementos, lugar a ocupar na assembleia, microfones próprios...
   - Reforcei o canto polifónico, quando possível - talvez até exagerando -, para contrabalançar a ausência de acompanhamento instrumental.
3. - Tentei prosseguir o esforço iniciado, mentalizando o coro para a consciência do papel que desempenha na vida litúrgica da paróquia, do seu ministério eclesial, através de textos apropriados.
   - Aceitei o encargo de preparar uma celebração de Vésperas com o coro para o numeroso grupo bíblico da paróquia.
   - Procurei "rodar" o repertório, de modo a torná-lo bem conhecido do coro, tendo sempre em vista o seu aperfeiçoamento técnico e expressivo.

A conclusão importante que retirei de toda esta experiência e esforço foi a seguinte: Toda a renovação litúrgica em Portugal supõe uma renovação, ao menos concomitante, da fé do Povo de Deus, uma catequese renovada em ordem a um agir global renovado, de que é sempre sinal muito significativo a celebração dominical.

Rui Rosmaninho.

2. Uma Experiência de Pastoral Juvenil

Ponho em comum algumas notas da minha experiência de trabalho pastoral com jovens. Ela acontece em diversos meios sociais: urbano, industrial e rural. Estruturo-a segundo algumas exigências que considero mais importantes: uma experiência em tempo de Seminário; em meios concretos; com exigências pessoais específicas; numa atitude pedagógica adequada; e com uma finalidade claramente evangélica.

- Em tempo de Seminário

O trabalho com jovens é importante como meio formativo na minha caminhada para o presbiterado. Exige uma integração conveniente no todo da formação deste tempo concreto e específico. A sua síntese com os outros elementos formativos é, sem dúvida, um bom contributo para a formação de uma personalidade pastoral. Para mim é importante sentir-me em formação e encarar este trabalho como elemento formativo.

- Em meios concretos

O trabalho pastoral implica sempre pessoas concretas em meios concretos, por isso, uma das primeiras exigências é a integração local:

- Um conhecimento dos Jovens: os seus anseios como jovens, os seus pólos de interesse e de desinteresse. Um conhecimento dos problemas que mais os afectam e a sua relação com eles.
- Um conhecimento do seu meio: os hábitos, os costumes, os problemas e a sua relação e integração no meio.
- Conhecimento da comunidade cristã a que os jovens pertencem, onde estão integrados ou se pretendem integrar; as suas potencialidades para responder a esta integração, as formas de motivar e comprometer.

- Com exigências pessoais específicas

O trabalho pastoral com a juventude exige-me a mim como jovem algumas características muito importantes:

- Maturidade humana: que me conheça a mim mesmo com os meus limites e problemas próprios para os não confundir com os problemas dos jovens com quem trabalho e possa perceber e compreender de forma objectiva cada um dos jovens com os seus problemas, e poder ir ao seu encontro.
- Estar seriamente empenhado no meu próprio crescimento humano e cristão, numa busca de Cristo e da Igreja com decisão e empenho numa caminhada de fé.
- Ter a maturidade cristã própria e possível de um jovem que já escolheu Cristo. Identificar-me com a minha caminhada e com os objectivos que proponho, comprometendo-me com eles com autenticidade e coerência. Sentir-me jovem cristão a caminho com jovens que querem caminhar. Isto implica uma vida de relação pessoal com Cristo, e uma vida litúrgica intensas.
- Ter uma formação doutrinária e teológica o mais sólida possível.

- Numa atitude pedagógica adequada

- Ter claros os objectivos a atingir e não os perder de vista.
- Conhecimentos de psicologia juvenil, dos problemas típicos e específicos dos jovens.
- Saber distinguir o fundamental do secundário da mensagem que se anuncia, o que é adaptável consoante o meio.
- Fazer partir a caminhada do ponto em que cada um se encontra, estando sempre atento às diferenças.

- Seguir uma pedagogia de "aliança" ou de descoberta:
  - levar a uma interpelação diante da mensagem e da pessoa de Jesus Cristo;
  - esta interpelação deve levar a uma resposta de adesão;
  - a adesão deve levar ao compromisso na transformação pessoal e do mundo.
- Toda a acção se deve passar num processo de conversão contínuo que implica uma mudança de vida:
  - nova forma de ver a vida e as coisas;
  - nova forma de se inserir no mundo e de se relacionar;
  - novo tipo de opções concretas na vida, e no dia a dia.
- Esta atitude pedagógica exige uma atitude de "espera" compatível com a dinâmica da conversão. É preciso estar atento à progressividade da conversão e do crescimento e ter bem presente o factor tempo.

- Uma finalidade claramente evangélica

Sem se dar o desenraizamento das pessoas, há que não perder de vista a finalidade evangélica da acção: anunciar Jesus Cristo aos jovens de hoje de forma que o descubram e optem por Ele comprometendo-se; esse compromisso tem que se exprimir na construção do Reino de Deus nos meios em que cada um está inserido; partindo de uma consciência de pertença à Igreja-Comunidade, onde se vive a salvação realizada por Cristo, e que é chamada a comunicar essa salvação.

Joaquim Nazaré.

3. O Seminário Pastoral e a minha experiência no campo da Catequese.

Foi-me pedido no princípio deste ano um testemunho no qual relacionasse a minha condição de seminarista no Seminário Pastoral e a minha experiência prática no campo da catequese, visto ser este o trabalho a que me tenho dedicado com mais insistência.

O Seminário dos Olivais foi definido como Seminário Pastoral, visto a sua única e exclusiva missão ser a de formar os pastores que vão servir o povo de Deus nos próximos anos. Seria errado pensar, contudo, que a formação dos Pastores consistiria unicamente nas acções pastorais que cada um vai já empreendendo. A formação do Pastor pretende atingir aqueles que se preparam para o ser de um modo total, donde a oração, passando pelo estudo da Teologia, pela aprendizagem da disciplina da vida, até aos trabalhos pastorais concretos.

Nem me compete, contudo, a mim nem este é o lugar próprio para desenvolver o assunto. Pensei dever, contudo, dizer esta palavra inicial para realçar em primeiro lugar que se a minha experiência pastoral tem sido o campo da catequese, é-o porque foi essa a tarefa que o Seminário Pastoral me deu para exercer.

Nem ela era de facto a que mais cabia nos meus gostos. Uma vez, porém, que me foi destinada, tentei assumir, e ela é hoje, no campo da Pastoral, uma das actividades a que me dedico com mais entusiasmo. Todo o presbítero tem que ser catequista, ou melhor, ele há-de ser conjuntamente com o seu bispo, o catequista por excelência, e a "catequese sempre foi considerada pela Igreja como uma das suas tarefas primordiais porque Cristo ressuscitado, antes de voltar para o Pai, deu aos apóstolos uma última ordem: fazerem discípulos em todas as nações" (Catechesi Tradendae). Convém realçar ainda que a catequese não é uma actividade para desenvolver com crianças apenas. Ela é como nos diz a

Catechesi Tradendae "uma educação da fé das crianças, dos jovens e dos adultos, a qual compreende especialmente um ensino da doutrina Cristã, dado em geral, de maneira orgânica e sistemática com o fim de os iniciar na plenitude da vida Cristã" (CT 18).

Decidi por este testemunho ser o mais competente possível, falar de alguns campos a que me dediquei e dar alguns exemplos concretos.

O primeiro de que vou falar foi a minha participação na catequese da Paróquia de Cristo-Rei da Portela, até ao fim de 1985.

Catequese num meio urbano, com a vantagem de ter sido muito bem organizada desde a sua raiz. Esse facto ajudou-me na minha experiência e para a minha formação.

Aí trabalhei em três frentes. Por um lado, dei catequese a adolescentes e a jovens. Procurei iniciá-los na vida cristã, insistindo sobretudo numa formação integral através do ensino sistemático da doutrina, de maneira não a educar gente que viesse a saber muito, mas sobretudo gente que fosse capaz de aderir pessoalmente a Cristo. A dificuldade principal que encontrei foi a de conseguir convencê-los a perceber que é essencial alimentar a fé pelo menos pela participação na assembleia dominical.

Trabalhei também aí na ajuda aos catequistas, convivendo com eles, estabelecendo verdadeira amizade, de modo a formarmos um corpo de Evangelizadores organizado e amigo.

Com eles fiz alguns encontros sobre psico-pedagogia religiosa e sobretudo sobre formação bíblica nas partes que hoje trazem mais dificuldades, ou sejam, os primeiros capítulos do Génesis, o livro do Apocalipse, uma interpretação verdadeira dos Evangelhos e também sobre a Igreja.

O terceiro campo de trabalho foi a animação da Eucaristia com especial participação das crianças, pondo-as em primeiro lugar a participar nas leituras,

nos cânticos e dedicando-lhes especialmente a homilia e as admonições. Foi preocupação nossa especial a preparação da Primeira Comunhão e da Profissão de Fé.

Depois de sumariamente ter falado desta catequese organizada, num meio urbano, falaria agora dum outro tipo de catequese. Esta num meio rural onde há mais de vinte anos não havia uma evangelização por parte da Igreja. Foi na aldeia de Arrifana da Paróquia de Manique do Intendente.

A primeira fase consistiu numa semana de missão, em Setembro de 1983, que fiz com alguns colegas de Seminário em toda a paróquia.

A mim, coube-me esta aldeia. Chegando aí, tentei em primeiro lugar alcançar as crianças. Enviei as primeiras que se me depararam em brigadas pelas ruas da aldeia, para convidarem todas as outras para o largo principal. Aí nos reunimos no primeiro dia. Nesse e nos restantes, dei-me a conhecer, ensinei-lhes alguns cânticos e tentei a partir da pré-catequese natural que neles percebi, anunciar-lhes Deus em Jesus Cristo, a sua história de Salvação com os homens e o seu amor infinito por cada um e por todos. Por elas vieram os jovens e com eles o trabalho foi idêntico, embora adaptado à sua idade. Pelas crianças e jovens tentei chegar aos adultos e para todos fizemos um conjunto de três celebrações com o esquema da catequese Joânica catecumenal que a Igreja nos propõe na Quaresma.

Na primeira falámos da cura do cego de nascença e do binómio luz-trevas da nossa vida. Na segunda do encontro com a samaritana, da água viva e das exigências do Baptismo. Na terceira, da Ressurreição de Cristo que é penhor da nossa ressurreição futura.

Fiz, com a colaboração do Pároco e dos outros colegas, projecção de "slides", um fogo conselho e uma procissão.

No Natal seguinte tentei deixar aí um mínimo de organização, peguei nalguns jovens e adultos para fazer deles catequistas e organizámos tudo o mais para

funcionar. Continuámos o trabalho anterior com todos e com eles cantámos as Janeiras de porta em porta. Aí ficaram a caminhar com a ajuda do Pároco, crianças, jovens e adultos a formarem-se simultâneamente.

Em Julho de 1984, deu-se aquilo a que chamei "confirmação dos Apóstolos". O Senhor D. José Policarpo quis passar nesta comunidade o aniversário da sua ordenação episcopal, confirmando o nosso trabalho dirigindo a sua Palavra de Pastor em nome do Senhor Patriarca e administrando às crianças, aos jovens e aos adultos, que ao longo desse ano tinham feito o seu catecumenato, os sacramentos da Iniciação Cristã.

Actualmente, encontro-me a trabalhar na Paróquia de S. Pedro de Lousa. Entre outros trabalhos há sobretudo dois que se incluem no âmbito da catequese. O primeiro é a catequese de jovens que funciona semanalmente nos diversos centros de culto. Uma vez por mês todos se reunem na Paróquia para reflectir sobre o trabalho feito e arrancar para mais um mês.

Além da catequese de crianças organizada há a catequese especial em aldeias onde há muitos anos não se fazia evangelização.

Aí estou à frente de equipas de catequistas da paróquia que se deslocam aos sábados para celebrar a fé, reflectir a Palavra de Deus com todos e de seguida trabalhar com grupos consoante as suas idades.

Este e outros trabalhos pastorais que fazemos entre seminaristas são um grande teste para podermos aplicar a teologia que vamos aprendendo. Nenhum de nós pode desligar o estudo da Teologia do trabalho pastoral, porque sem Teologia não há Pastoral, mas para que a Pastoral atinja os seus objectivos é preciso adaptar a linguagem teológica. Para trabalhar com o Povo de Deus é também necessário muita simplicidade, sem esta nada se consegue fazer, muita atenção ao meio e às situações concretas das pessoas. Toda a Pastoral e também a catequese têm que ser sempre o

seu modelo e a sua marca. É preciso, por fim, muita perseverança.

Francisco José.

4. Pastoral Social

Um dos trabalhos pastorais em que participo integrado na pastoral social da paróquia a que pertenço (Olivais Sul), é o de ser assistente de uma conferência de S.Vicente de Paulo jovem. É deste grupo a que pertenço que poderei dizer alguma coisa, e de modo nenhum falar do conjunto da pastoral social da paróquia.

Esta conferência é constituída na sua maior parte por estudantes universitários, com um tipo de integração eclesial diversificado. Como é normal visitam algumas famílias, das muitas que ali vivem experimentando carências de vária ordem, muitas delas feridas na sua dignidade de homens: são os "novos pobres", os que têm casa, filhos a estudar, etc., mas que de repente, devido ao desemprego, vivem situações dramáticas; aqueles pobres em que são mais evidentes as injustiças de que são vítimas (não têm casa, vivem em casas sem condições, em barracas, os que passam fome, têm salários em atraso ou recebem pequenos ordenados para grandes famílias, etc.).

A par da renovação do tipo de reunião que temos semanalmente, é permanente a atenção ao modo de presença junto destas pessoas. Tem que ser constante o esforço por evitar uma presença assistencialista, que crie dependência, o que acabaria por ser, de outro modo, atentar à dignidade de pessoas. É o evitar que sejam "meninos ricos" a ajudarem os "pobrezinhos", o fugir à caricatura da velha vicentina que vive contente porque há vinte e cinco anos que "cuida do seu pobre".

É importante reconhecer que muitos problemas são estruturais e têm a ver com o desenvolvimento.

No entanto, a primeira preocupação junto das pessoas é a de uma presença libertadora, gratuita (sem proselitismos), amiga, que só se realiza em ambiente de confiança, na relação.

É claro que quando alguém tem fome o importante é ter alguma coisa que comer. Depois é preciso fazer algo para que as pessoas vivam dinamismos de libertação, possam ter autonomia. Aqui só elas mesmas podem ser os autores da própria libertação, os autores possíveis do desenvolvimento, sujeitos pessoais ou colectivos da própria transformação, do auto-desenvolvimento, através da auto-determinação. A missão do vicentino (caracterizada pela persistência) é mais ao nível da consciencialização, para que as pessoas se organizem pelas próprias forças e pelos próprios meios, e tornem a vida possível, como sujeitos-autores da sua história.

É a presença consequente de uma comunidade que celebra e vive a unidade, que adorando um Deus vivo não pode deixar de se preocupar com os que não vivem. Segundo a "Gaudium et Spes"(nº86) e a "Populorum Progressio"(nº48) é uma obrigação especial dos cristãos (um mandamento do Evangelho no ensinamento do Juízo Final, segundo Mat.25).

É ao mesmo tempo evangelização, enquanto passagem de uma religião de pura submissão a uma religião de criação, caminho de libertação (resignar-se significa negar a Deus, porque Deus não pode ser reconhecido onde o homem é negado, rebaixado, morto). É a evangelização enquanto consciencializante para o desenvolvimento, que ressuscita a pessoa na sua transcendência e na sua criatividade, enquanto promove o homem e o reintegra na sua dignidade original.

Jesus ao colocar-se ao lado do homem promove-o (não resolve os problemas por ele), estimula-o a projectar-se para o futuro, em busca de liberdade, a tomar consciência da opressão na qual vive, sacudindo-a de si, a tomar a vida nas mãos, para ser ele

mesmo. Cristo devolveu o homem, devolveu-lhe a autonomia.

Uma outra dimensão importante do nosso trabalho de equipa é a de que, para além das famílias que são visitadas, esta seja uma opção englobante, seja vida no quotidiano, como missão do cristão: a libertação integral dos homens.

Edgar Silva.



NOTAS DE CULTURA PORTUGUESA

Apelo de há um século

Durante quase todo o século passado, o principal problema posto à reflexão e à actuação dos católicos portugueses foi o do Estado. Efectivamente, erguendo-se logo de início contra as congregações religiosas e contra os prelados do tempo do anterior regime, o Estado liberal de 1832 em diante levantou em muitos católicos a objecção básica da sua legitimidade.

Esta questão persistiria. E só a pouco e pouco alguns católicos, que eram simultâneamente adeptos do novo regime constitucional, se foram impondo aos que pretendiam a restauração da monarquia tradicional, batida em 34, como base indispensável de qualquer melhoria do país e da religião.

A solução doutrinal veio sobretudo com a encíclica Immortale Dei, de 1 de Novembro de 1885. Nela, Leão XIII afirmou a legitimidade própria do Estado como autoridade social querida por Deus e autónoma no seu campo. Também a Igreja é querida por Deus, com finalidade própria e meios seus. Entre os dois há-de haver colaboração, ao serviço do mesmo homem e seus fins primeiros e últimos. Ultrapassou-se assim a concepção sacral dos Estados, que só o legitimava dentro da Igreja, afirmação dos tradicionalistas apesar da prática regalista do anterior regime, a evidenciar mais a sujeição da Igreja aos reis de direito divino.

Mas o que importa aqui é salientar que a resolução deste problema do Estado libertou a reflexão e a actuação dos católicos mais atentos para outro desafio, então premente, a questão social e operária. É precisamente nisto que as duas encíclicas maiores de Leão XIII se ligam: a Immortale Dei, de 1885, abriu caminho à Rerum Novarum, de 1891, porque a resolução da questão do Estado permitiu maior atenção à ques-

tão social.

Isto em geral, isto entre nós. "Muito ou quase tudo se ficou a dever a um conjunto de personalidades vigorosas que começaram, por aquela altura(1894), a prestar a sua colaboração n'A Palavra, das quais se deverão destacar, como autênticos precursores do movimento social católico em Portugal, os nomes dos padres Benevenuto de Sousa e Roberto Maciel"(J.F.DE ALMEIDA POLICARPO, O pensamento social do grupo católico de"A Palavra", I, Coimbra 1977, p.8). As afirmações e os limites do Padre Benevenuto de Sousa no seu apostolado social, nas páginas do grande jornal católico A Palavra e do seu suplemento O Grito do Povo, estão basicamente expostos na obra citada: superação do individualismo liberal, negação do absolutismo estatal socialista, intervenção do Estado para protecção dos mais fracos, salário justo e familiar, participação do operário nos lucros da empresa, direito de propriedade submetido ao bem comum e ao direito prioritário à vida...

Numa revista de Seminário, no entanto, quero realçar o apelo insistente do Padre Benevenuto de Sousa ao clero, para que interviesse na questão social, para que se sensibilizasse aos problemas operários. E isto a começar pelos seminaristas (Cf.Ibidem, p.253). De facto, urge arrancá-lo às páginas d'A Palavra de 7 de Junho de 1899:

> "Nós, os Padres, somos homens de fé.
> Nós, os Padres, somos os salvadores do povo.
> Nós, os Padres, somos os continuadores das obras de Deus.
> Nós, os Padres, somos os pais dos fiéis.
> Nós, os Padres, somos homens de sacrifício.
> Nós, os Padres, temos de ser homens de acção.

Reneguemos de todos estes títulos, qual d'eles o mais nobre, se queremos ficar na inércia, viver na preguiça, na indiferença, se não queremos concretizar nossas doutrinas e teologia em obras benéficas, se não queremos reorganizar a sociedade, como meio para a salvação

dos indivíduos, se não procurarmos socorrer os pequenos nas necessidades do seu corpo e da sua alma, se não velarmos para que sempre tenham pão e sejam tratados com humanidade, se não nos esquecemos de nós, para nos lembrarmos d'eles.

Eu continuo a pedir a Deus que todos os meus estimadíssimos colegas se compenetrem do que são e do que valem, para virem trabalhar no campo em que tão precisa é a sua acção".

O desafio aí fica. Quase um século não lhe tirou completamente a força, nem a oportunidade.



P. M.Clemente.

CRÓNICA

Pouco a pouco o arvoredo da nossa Quinta do Cabeço vai-se revestindo de verde. Os pássaros afinam as suas vozes e acertam seus tons qual "scola cantorum" antes dalguma solenidade. Surge o colorido das flores que decoram os passeios do jardim e perfumam o ar, dando vivas ao amor que, em liberdade, por aqueles cantos se celebra (coisas do mundo...). É o anúncio da Primavera, esse tempo de renascer de novo, de acordar do letargo invernal.

Rasgam-se as núvens cinzentas e surge, como que em revelação, o sol a brilhar, iluminando a terra inteira. Tudo se conjuga, enfim, para o acontecer da novidade, o brotar da vida na sua pujança de renascer. Enche-se a terra de alegria e se oferece aos céus como dom. E neste tempo se celebra também a Páscoa, em feliz coincidência. O triunfo da vida sobre a morte, da Primavera sobre o Inverno.

Como sinal deste renascimento, que ao mundo inteiro envolve, eis-nos aqui com mais um número da nossa Revista, renascida ela também e comunicando a vós a vida que nos anima a todos. Um pequeno milagre da fé de alguns que teimam em não deixar morrer esta chama viva de ligação entre o passado e o presente, esta cumplicidade dos de dentro com os de fora na partilha da mesma esperança, o ver renascer a Igreja nos rebentos que aqui vão florindo.

O nosso olival vai bom de saúde. De vez em quando é agitado por algum vento mais forte: natural! Outras vezes parece envelhecer mas renova-se sempre, com esforço. Nem sempre se deixa tratar convenientemente pelo Espírito; mas lá vai cedendo. Todavia mantém-se vivo, graças a Deus, rebentando em cada ano, florindo e dando fruto.

Digam lá se não foi milagre de multiplicação! Começámos o ano com dois diáconos, sementes do ano passado, e agora já temos sete. Grandes coisas faz o Se-

nhor...se deixarmos. São eles o Casqueiro, da Diocese de Santarém, rapaz um pouco avantajado; o Jorge Filipe, da Diocese de Setúbal, excelente pregador. A estes diáconos "de fora" juntaram-se os "de dentro", os do Patriarcado: o Nuno Brás, rapaz santificado com as águas do Vimeiro; o Inácio Belo, da Benedita e o Avelino Martinho, especialista em orações das gentes simples.

Outros sinais cá do crescimento das oliveiras foram as instituições de leitores e de acólitos. A do Russo, ainda em Dezembro, lá pelos lados de Setúbal e a do Anibal lá pela terra brava. Também a do Romilton Martins (deve ler-se em brazilez...), brasileiro de gema e oliviano do coração. E mais recentemente, foram acrescentados ao grupo o Nuno Aurélio, primo do Walt Disney, o Ezequiel de Peniche, mas bom amigo e o Fernando Serra, rapaz delicado da avenida de Roma.

Em acólitos foram instituídos o José Manuel Antunes, benfiquista nato, não no estádio mas na paróquia e o Luís Cláudio, Presidente da Associação de Estudantes de outras associações...não gosta é que lhe chamem "fixe".

Em Janeiro decorreu cá a reciclagem do clero do Patriarcado, em dois turnos. Foi motivo de alegria ver aqueles rebentos de outrora hoje já ramos gastos pela idade. Mas reencontrados aqui, de novo, logo renasceram. Aqueles avozinhos tão simpáticos contaram-nos anedotas e outras histórias verdadeiras vividas cá no Seminário, apesar do "ancien régime". Não muito diferentes das nossas actuais. Afinal somos todos iguais. Por detrás da capa institucional esconde-se sempre uma pessoa. Mas acima de tudo, o importante foi o testemunho pastoral que estes homens deram, a sua esperança na juventude e o seu amor à Igreja. Apesar da sua teologia estes homens, com as suas incapacidades, aguentaram a Igreja nos tempos da crise, e ei-los, todavia, abertos à novidade. É de espantar!

Grande foi o dia 25 de Janeiro para o Seminário de Almada. Não só por ser o dia do seu padroeiro, S.Paulo, mas também por se comemorar, este ano, o seu jubileu de ouro , cinquenta anos de existência. Mais do que uma passagem p'rá outra margem, Almada é o tempo da descoberta de tanta coisa nova e velha, mas sobretudo de Cristo. Aí está o seu valor, agora celebrado em memorial de cinquenta anos na fidelidade a um projecto. Vale a pena, porque Deus quer que o homem sonhe e que nasça a obra das suas mãos levantadas, do seu coração aberto ao mundo, da sua fé e da sua esperança nos homens deste tempo, contemporâneos dos mesmos sinais do Espírito. Casa para a Igreja mas casa de portas abertas ao mundo!... Presidiu o Senhor Cardeal Patriarca, em cujo rosto se notava a alegria do acontecimento. Concelebraram também outros bispos, antigos alunos e até reitores: D.José Policarpo, D.Albino Cleto, D.João Alves. E, apesar de tudo, cá estamos nós tentando aumentar o rosário das maravilhas que o Senhor faz; vivendo um amor original, diferente, mas extremamente humano. Queremos ser hoje aquilo que o Senhor nos pede, pastores do seu amor, homens atentos ao Espírito.

A.M.A.Martins
23/3/86.

